

# Racionamento substitui reajustes

Uma forma suave de racionamento foi a solução encontrada pelo governo para reduzir, desde o primeiro dia da guerra, o consumo de combustíveis. Como não se sabe quanto tempo a luta vai durar, nem como ficará o mercado internacional de petróleo, ninguém pode dizer se a medida foi ou não precipitada, nem quando será abolida.

Isso responde à primeira pergunta formulada por muita gente: por que limitar o consumo quando se noticia queda do preço do petróleo? Preço em queda só se explica pela expectativa de uma guerra curta.

O racionamento poderia ser feito pelo processo tradicional: aumento dos preços ao consumidor. Não se descartam esses aumentos, mas, com o consumo contido, a necessidade é menor. Além disso, não se sabe, ainda, como evoluirá o abastecimento internacional. Se a elevação de preços internos for excessiva, os brasileiros terão de engolir, sem compensação futura, um aumento desnecessário da inflação. Numa economia indexada, o nível geral de preços dificilmente recua. A indexação funciona como um sistema de cremalheira. Quando o preço dos combustíveis cair, mui-

tos outros terão subido; de modo irreversível.

O racionamento adotado, além disso, é de um tipo brando. Cria dificuldades, mas os consumidores se adaptam, depois de alguns dias, e o corte atinge principalmente o lazer de fim de semana, pois diminui a quilometragem possível nos sábados, domingos e feriados.

Mais severo, aparentemente, é o racionamento do gás de cozinha, com redução de 23% nos botijões pequenos e de 20% nos maiores. Pelo menos dois argumentos podem justificar a solução adotada. Em primeiro lugar, não deixa em desvantagem os consumidores mais pobres. O simples aumento de preços produziria essa consequência, talvez sem resultar em economia significativa de combustível. Com a menor oferta, as pessoas serão de fato obrigadas a utilizar o gás com maior parcimônia. Isso é especialmente importante quando se pensa no consumo de hospitais, que deve ser preservado. Em segundo lugar, vale também neste caso a prudência em relação aos preços e ao reflexo dos reajustes nos índices de inflação. As pressões já são muito grandes, até a entrada da safra, e convém não jogar combustível na indexação.